

Memória em espelho: notas biográficas de Laura Amazonas

Edmilson Menezes¹

Memory in the mirror: biographical notes of Laura Amazonas

218



Resumo

Aprendemos que a memória caracteriza-nos em nossa humanidade como marca mais profunda e específica. Ela é o antídoto contra o esquecimento. Numa espécie de exercício heurístico, o presente trabalho procura combater o olvido. O alvo deste combate: o relativo esquecimento da figura de Laura Amazonas. O presente trabalho busca, em algumas notas, apresentar essa grande personagem sergipana, e com isso intentamos desencorajar ato tão comum em nossos dias, encerrar a questão do passado, inclusive riscando-o da memória.

Palavras-chave: Memória, Laura Amazonas, Intelectuais Sergipanos.

Abstract

We have learned that memory characterizes us in our humanity as the most profound and specific mark. It is the antidote to oblivion. In a kind of heuristic exercise, the present work seeks to combat forgetting. The aim of this combat: the relative forgetfulness of the figure of Laura Amazonas. The present work seeks, in some notes, to present this great Sergipe character, and with that we try to discourage an act so common in our days, to close the question of the past, even scratching it from memory.

Keywords: Memory, Laura Amazonas, Sergipe Intellectuals.

1 Professor associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista do CNPq. E-mail: ed.menezes@uol.com.br

A Maria Domitila Santos

Pequena digressão sobre o tema da memória.

São os gregos os primeiros a reconhecer uma memória individual distinta da memória coletiva. A memória, distinguindo-se do hábito, representa uma difícil invenção: a conquista progressiva pelo homem do seu passado individual, como a história constitui, para o grupo social, a conquista do seu passado coletivo. A memória é uma função muito sofisticada que atinge grandes categorias psicológicas como o tempo e o eu. Ela opera com um conjunto de engrenagens mentais complexas e o seu domínio sobre elas pressupõe esforço, adestramento e exercício. “O poder de rememoração é uma conquista; a sacralização de *Mnemosyne* marca o preço que lhe é dado em uma civilização de tradição puramente oral como foi o caso da civilização grega entre os séculos XII e VIII, antes da difusão da escrita.”² Há no panteão grego uma divindade que tem o nome de uma função psicológica: *Mnemosyne*, memória. Ela é a mãe das nove musas³, fruto de nove noites de conúbio com Zeus.⁴ Faz lembrar aos homens a recordação dos heróis e de seus grandes feitos e detém o patronato da poesia lírica. É normal entre os gregos que essa função exija uma intervenção sobrenatural. A poesia constitui uma das formas típicas da possessão e do delírio divinos, o estado do entusiasmo no sentido etimológico. Possuído pelas Musas, o poeta é o intérprete de *Mnemosyne*, como o profeta, inspirado pelo deus, o é de Apolo. Entre a adivinhação e a poesia oral – tal como exercida, na idade arcaica, nas confrarias de aedos, de cantores e músicos – há afinidades e mesmo interferências. Mas, ao contrário do adivinho que deve quase sempre res-

- 2 VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. Trad. de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1990, p.108.
- 3 Seja para mostrar como se organiza o mundo dos deuses (*Teogonia*), ou a estruturação e organização do mundo dos mortais, esclarecendo sua origem (as raças de ouro, prata, bronze e ferro) seus deveres e seus limites (*Os trabalhos e os dias*), os poemas de Hesíodo começam por evocar as Musas: “Musas Piérias que gloriais com vossos cantos, vinde!” (HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Trad. de Marly Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1990, p. 23); “Pelas Musas heliconiades comecemos a cantar/ (...) Eia! pelas Musas comecemos, elas a Zeus pai/ hineando alegam o grande espírito no Olimpo/ dizendo o presente, o futuro e o passado/ vozes aliando.” (HESÍODO. *Teogonia*. Trad. de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1992, pp. 105, 109). Tal evocação, dentro da perspectiva da experiência arcaica da linguagem, não poderia deixar de ser feita porque o nome das Musas iguala-se a uma força que precisa apresentar-se e conferir encantamento ao que se pronuncia. “O nome das Musas é o próprio ser das Musas, porque as Musas se pronunciam quando o nome delas se apresenta em seu ser, porque quando as Musas se apresentam em seu ser, o ser-nome delas se pronuncia.” TORRANO, Jaa. “Musas e Ser”. In: HESÍODO. *Teogonia*, Loc.cit., p. 21.
- 4 “Na Piéria gerou-as, da união do Pai Cronida,/ Memória rainha nas colinas de Eleutera,/ para oblivio de males e pausa de aflições./ Nove noites teve uniões com ela o sábio Zeus/ longe dos imortais subindo ao sagrado leito./ quando girou o ano e retornaram as estações/ com as mínguas das luas e muitos dias findaram,/ ela pariu nove moças concordes (...) Glória, Alegria, Festa, Dançarina, Alegre-coro, Amorosa, Hinária, Celeste e Belavoz, que dentre todas vem à frente.” HESÍODO. *Teogonia*, Loc.cit., p. 109.

ponder às preocupações referentes ao futuro, a atividade do poeta orienta-se quase exclusivamente para o passado. Não o seu passado individual, tampouco o passado em geral, como se se tratasse de um quadro vazio, independente dos acontecimentos que nele se desenrolam, mas, o “tempo antigo” com o seu conteúdo e as suas qualidades próprias: a idade heroica ou, para além disso, a idade primordial, o tempo original.⁵

Mnemosyne, revelando ao poeta os segredos do passado, introdu-lo nos mistérios e, assim fazendo, a memória aparece como um dom para iniciados e a *anamnesis*, a reminiscência, como uma arte ascética e mística. A memória ainda desempenha um papel singular nas doutrinas órficas e pitagóricas, ela se apresenta como antídoto do Esquecimento. “No inferno órfico, o morto deve evitar a fonte do esquecimento, não deve beber no Letes, mas, pelo contrário, nutrir-se da fonte da Memória, que é uma fonte de imortalidade. Nos pitagóricos estas crenças combinam-se com uma doutrina da reencarnação das almas e a via da perfeição é a que conduz à lembrança de todas as vidas anteriores.”⁶ Os gregos tiveram a experiência fundamental da verdade associada ao não-esquecimento, à re-velação. A palavra grega *alétheia* (Verdade) indica aquela experiência capital como não-esquecimento, no sentido em que eles (os gregos) experimentaram o esquecimento não como um fato de ordem psicológica, mas como uma força de ocultação, de encobrimento. Para a percepção mítica e arcaica, de acordo com Torrano⁷, o que na presença se dá como presente opõe-se ao passado e ao futuro, os quais, enquanto ausência, estão, do mesmo modo, excluídos da presença. Assim, passado e futuro, equivalentes na indiferença da exclusão, pertencem igualmente ao reino noturno do esquecimento até que a memória de lá os recolha e faça-os presentes pelas vozes das Musas. Entende-se, então, o papel desempenhado pelo poeta: pelo mesmo dom das Musas, ele é o profeta dos fatos passados e dos fatos futuros. Só a força nomeadora e ontofânica da voz das Musas pode redimi-los do esquecimento, isto é, da ocultação e presentificá-los como o que brilha ao ser nomeado, o que se mostra à luz: re-velação. A linguagem, por conseguinte, é filha da memória. Esse divino poder traz à presença o não-presente, ocorrências passadas ou futuras. “Ser é dar-se como presença, como aparição (*aléthéa*), e a aparição se dá sobretudo através das Musas, estes poderes divinos provenientes da Memória.”⁸

A Hesíodo as Musas outorgam o dom do canto, permitem que o pastor as tenha em presença quando dele o canto ouvirem. Ele encarna, de certa maneira, o poder das Musas. Ao entregar ao poeta os segredos das ori-

5 VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. Loc. cit., p. 109.

6 LE GOFF, J. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi* (Vol. I, Memória e História). Trad. de Irene Ferreira. Lisboa: Casa da Moeda, 1984, p. 21.

7 TORRANO, Jaa. Op. cit., p. 27.

8 TORRANO, Jaa. Op. cit., p.29.



gens, as Musas revelam-lhe um arcano. O eleito, que se vale dessa presentificação, também se encontra transformado. Ao mesmo tempo em que se revela aos seus olhos a verdade do devir, a visão dos tempos antigos libera-o, em certa medida, dos males que oprimem a humanidade de hoje, a raça de ferro.⁹ A memória traz-lhe uma espécie de transmutação da sua experiência temporal. Pelo contato que ela estabelece com as primeiras idades, o divino, o tempo primordial, ela permite escapar ao tempo da quinta raça, feito de fadiga, de desgraça e de angústia. *Mnemosyne*, aquela que faz recordar, é, também em Hesíodo, aquela que faz esquecer os males e aflições: “Memória rainha nas colinas de Eleutera,/ para obliuio de males e pausa de aflições.”¹⁰ A rememoração do passado tem como contrapartida necessária o esquecimento do tempo presente. Não se admirará, pois de encontrar, diz-nos Vernant¹¹, no oráculo de Lébadéia, onde se mimava no antro de Trofônio uma descida ao Hades, *Lethe*, Esquecimento, associada à *Mnemosyne* e formando com ela um par de forças religiosas complementares. Antes de penetrar na boca do inferno, o consultante, já submetido aos ritos purificatórios, era conduzido para perto das duas fontes chamadas *Lethe* e *Mnemosyne*. Ao beber na primeira, ele esquecia tudo da sua vida humana e, semelhante a um morto, entrava no domínio da noite. Pela água da segunda, ele devia guardar a memória de tudo o que havia visto e ouvido no outro mundo. À sua volta, ele não se limitava mais ao conhecimento do momento presente; o contato com o além havia-lhe trazido a revelação do passado e do futuro.

Sendo assim, o esquecimento é uma água de morte, de anulação. Nenhum ser pode abordar o reino das sombras sem ter bebido nessa fonte, isto é, sem ter perdido a lembrança e a consciência. Ao contrário, a memória aparece como uma fonte de imortalidade. Precisamente porque a morte define-se como o domínio do esquecimento, aquele que no Hades guarda a memória transcende a condição mortal. Para ele não há oposição nem obstáculo entre a vida e a morte. Ele transita livremente de um mundo a outro.

Memória em espelho: Laura Amazonas

Com efeito, a mitologia grega, ao divinizar a memória, acaba por colocá-la fora do tempo e, com isso, dissocia memória e história. Na verdade, a memória em sua feição “laica”, puramente alterável, caracteriza-

9 “Antes não estivesse eu entre os homens da quinta raça,/ mais cedo tivesse morrido ou nascido depois./ Pois agora é a raça de ferro e nunca durante o dia/ cessarão de labutar e penar e nem à noite de se/ destruir; e árduas angústias os deuses lhe darão.” HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*., Loc.cit., p. 35

10 HESÍODO. *Teogonia*, Loc.cit., p. 107.

11 VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. Loc. cit., p. 114.



-nos não como deuses, mas como mortais em sua marca mais profunda e específica. No entanto, a lição deixada pelos gregos leva-nos a entender a memória como contraveneno do esquecimento. Numa espécie de exercício heurístico e, ao mesmo tempo, carregado de simbolismo, ponho-me na mesma condição do poeta grego e evoco as Musas para combater o esquecimento. O alvo deste combate: o relativo esquecimento da figura de Laura Amazonas. “Uma existência nobre e preciosa como foi a sua merece outra recompensa.”¹²

Laura Amazonas nasceu às quatro horas do dia três de maio de 1884, à rua Itabaianinha, na capital Aracaju. Filha de Manoel Amazonas e Dona Josepha da Silveira Lacerda Amazonas¹³, oriunda de uma numerosa família, teve como irmãos: Porfírio, Joana, Avelina, Neni, Irinéia e Maria Júlia. D. Laura era tia avó de José Ataliba, Rita, Josepha, Lúcia e Edla.¹⁴ Solteira, adotou Maria Domitila Santos como filha. As notas a seguir são fruto das informações, lembranças e depoimentos de Maria Domitila, pela memória da qual espelho a minha. A intensa, profícua e amorosa convivência que tive com Maria permitiu registrar, em minha memória, as suas memórias, as suas riquíssimas memórias daquela que a adotou como filha. Meu espelho, no qual vi refletida, tantas vezes, a recordação de uma vida inteira, foi talvez detentor de um prisma privilegiado acerca de Laura Amazonas.¹⁵

D. Laura fez o curso primário em pequena escola situada à rua Itabaiana, no Centro da cidade de Aracaju, tendo como professora sua madrinha, a senhora Rosa. Após os estudos propedêuticos na cidade natal, segue, por iniciativa de um parente chamado Cleobo, para Santos, São Paulo. Lá permanece por longa temporada para completar seus estudos e ingressa na Faculdade de Pharmácia de São Paulo.

A iniciativa de criar escolas de nível superior pelos Estados foi facilitada desde a promulgação da Constituição de 1891, a primeira do regime republicano. A partir do início do século XX, vários cursos de ensino médico de nível superior, principalmente de farmácia e de odontologia, começaram a surgir nas capitais ou mesmo nas maiores cidades dos principais Estados do país. A escassez de recursos para implantação do ensi-

12 FONTES, Carmelita. *Sementes na calçada* – crônicas de Gratia Montal. Aracaju: Imprensa Oficial do Estado, 2010, p. 112.

13 Conforme consta nos seguintes documentos: registro civil de nascimento (Livro A, nº64, folha 121, v., sob nº 15.248) emitido em 28/05/1941 pelo sexto tabelionato da cidade de Aracaju, carteira de identidade, expedida em 28/03/1945 pelo Instituto de Identificação do estado de Sergipe, certidão de óbito (Livro C, nº22, folha 80, sob nº 31151) lavrada em 08/02/1973 no cartório do 7º ofício da capital Aracaju.

14 Ver, também: BEZERRA, Taís. Laura Amazonas é tema de evento que será realizado pelo Instituto Histórico. In: *Jornal da Cidade*. Aracaju, 3/11/2015. A articulista é filha da sobrinha neta da Dra. Laura, Josepha.

15 Quando estiver trabalhando com outras fontes que não os depoimentos de Maria Domitila Santos, será assinalado em nota de rodapé.



no médico explica, em parte, a escolha pelos cursos menores e, por isso, menos dispendiosos.

Em 12 de outubro de 1898 foi aprovado, em sessão do Conselho Municipal, o projeto de criação da Escola Livre de Farmácia de São Paulo. No mês seguinte, o médico Bráulio Joaquim Gomes foi eleito seu primeiro diretor, e o farmacêutico Pedro Baptista de Andrade, vice-diretor. O sanitarista Emilio Marcondes Ribas foi nomeado pelo Governo do Estado de São Paulo para exercer as funções de fiscal junto a Escola. Famoso especialista, ele assina, na condição de fiscal do governo, o diploma de D. Laura. A solenidade de inauguração da Escola deu-se no dia 11 de fevereiro de 1899. Sediada no prédio alugado da rua Brigadeiro Tobias, nº 1, foi reconhecida como estabelecimento de ensino superior através da aprovação da Câmara Municipal no dia 11 de agosto de 1899. Nesse mesmo ano, pela lei estadual nº 665 de 6 de setembro, foi-lhe concedida uma subvenção prevista anualmente pelas leis orçamentárias do Estado, ficando sujeita à fiscalização do Governo. De acordo com o regulamento da Escola Livre de Farmácia de São Paulo, aprovado pelo decreto estadual nº 780, de 26/04/1900, a instituição ficava autorizada a realizar exames de habilitação de dentistas e parteiras, enquanto não existissem cursos especiais desses dois ramos no Estado paulista. Em março de 1901, foram anexados à Escola os cursos de odontologia e de obstetrícia, quando a instituição passou a denominar-se Escola de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia, sendo reconhecida e subvencionada pelo governo estadual. No país, o ensino da odontologia só foi autorizado pelo decreto nº 9.311 de 25/10/1884, como anexo aos cursos de ciências médicas e cirúrgicas das faculdades de medicina do Rio de Janeiro e da Bahia. A partir do final do século XIX, era bastante comum os cursos de farmácia e de odontologia constituírem uma única escola, isso quando não se apresentavam na condição de cursos anexos aos de medicina. Pelo decreto nº 1.371 de 28/08/1905, a instituição foi equiparada às escolas federais, o que tornou seus diplomas válidos em todo o território nacional. Em 1962, pelo decreto estadual nº 40.343 de 7 de julho, a Faculdade foi desmembrada em duas unidades independentes e recebeu os nomes de Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade de São Paulo e Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo.¹⁶

Certificada aos vinte e um anos, Laura Amazonas torna-se a primeira mulher diplomada do Estado de Sergipe e também a primeira odontóloga de sua terra. Em seu livro *História da educação em Sergipe*, Maria Thetis Nunes – ao analisar o quadriênio (1922-1926) do mandato de Maurício

16 Cf. A Escola de Pharmácia de S. Paulo e as Outras. *Revista da União Pharmaceutica*, São Paulo, Ano IX, nº 127, p. 197-200, dez.1926; BORBA, José Frederico de. Escola de Pharmácia. *Revista da União Pharmaceutica*, São Paulo, Ano VIII, nº 4, p. 101-103, abr. 1923; CAMPOS, Ernesto de Souza. *História da Universidade de São Paulo*. São Paulo: Saraiva, 1954; Dicionário Histórico-biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). *Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz*, disponível em <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>.



Graccho Cardoso, “indiscutivelmente o mais destacado dos presidentes da Velha República em suas tentativas de transformar, cultural e economicamente, o Sergipe provinciano, atrasado, num estado moderno e progressista,”¹⁷ – detém-se na tímida, porém, decisiva, formação acadêmica da mulher sergipana naquele período: “Já atuavam na vida sergipana portadoras de cursos superiores como a médica Ítala Silva de Oliveira, a farmacêutica Cesartina Régis, as dentistas Guiomar Calazans e Melo, Laura Amazonas, Ester Aranha, Mary Firpo, Maria Anita de Carvalho Leite, Dulce Menezes, Francisca Marsillac, as advogadas Alice Cardoso e, posteriormente, Maria Rita Soares de Andrade.”¹⁸ Em nota, Nunes afirma que Guiomar Calazans e Melo foi a primeira mulher sergipana a concluir o curso superior, formando-se em 1912 em Odontologia na Faculdade de medicina da Bahia, após ter finalizado os Preparatórios no Atheneu Sergipense¹⁹. Com efeito, a informação trazida pela emérita historiadora itabaianense – por motivos alheios cuja investigação extrapola os limites deste trabalho – não corresponde à real primazia da condição de portadora de diploma superior em terras sergipanas. Essa precedência pertence à Laura Amazonas, cuja graduação em Odontologia é certificada em 1905. Sabemos, seja a propósito da recordação, seja a propósito do esquecimento, das manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura, exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva, a história, foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.”²⁰ Recolocar Laura Amazonas no cenário das mulheres intelectualizadas é consertar a memória coletiva que temos em relação a Sergipe.

O retorno definitivo de nossa odontóloga a Aracaju, após a colação de grau, data de 1910. Ela exerceu sua profissão até, aproximadamente, os primeiros anos da década de 1950, pouco antes de completar cinquenta anos de atividade laboral. Precipitou sua disposição em deixar o ofício, ao descobrir que alguns amigos e antigos clientes preparavam uma festa em comemoração ao cinquentenário de sua formação profissional. Próximo àquela data comemorativa, retira-se de Aracaju e viaja ao Rio de Janeiro,

17 NUNES, Maria Thetis. *História da educação em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 1984, p. 239.

18 Id. *Ibid.*, p. 254.

19 Id. *Ibid.*

20 LE GOFF, J. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi* (Vol. I, Memória e História). Trad. de Irene Ferreira. Lisboa: Casa da Moeda, 1984, p. 13.

voltando à sua cidade após a passagem da importante data. Pessoa de um apurado senso de responsabilidade e de uma honestidade a toda prova, não compactuava com o culto à evidência pessoal, preferindo os trabalhos discretos e de pouca propagação. A Câmara Municipal de Aracaju chegou a cogitar a entrega de um título honorífico à nossa personagem, mas ela recusou de pronto.

Possuidora de uma formação complementar bem cuidada, tocava com desenvoltura piano, conhecia as línguas francesa (na qual estava escrita boa parte da literatura de seu curso de odontologia) e inglesa, apreciava a boa literatura e dedicava-se com afinco à leitura de duas peças constantes em sua rotina: A Bíblia Sagrada e o Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. Admirava, também desse autor, O Evangelho Segundo o Espiritismo. Exerceu, embora de forma breve, a tarefa de articulista na imprensa local e contribuiu com alguns artigos para o jornal A Gazeta de Sergipe, a propósito de uma polêmica com um padre de nome Moisés, cujo ponto nevrálgico teria sido a divergência em torno de uma festividade realizada por ela e pela sua equipe de trabalho no Asilo Rio Branco.

Apesar de sua primeira crença ter sido a Católica, foi ao Espiritismo que Laura Amazonas consagrou sua vida religiosa. Sua trajetória por essa seara começa em meados de 1914, quando de uma visita à sua amiga Filenila Nascimento, residente à rua Maruim 227- centro de Aracaju, espírita convertida já há alguns anos. Na ocasião, Dra. Laura deparou-se com o começo de uma reunião mediúnica, de caráter íntimo, familiar, que teria início logo a seguir na casa da confreira. Ela pede permissão para assistir àquele encontro com o invisível, que parece lhe fascinar. Permissão concedida, inicia-se uma longa caminhada ligada ao Espiritismo. Torna-se frequentadora assídua dessas pequenas reuniões para, em seguida, militar no movimento espírita institucional. O primeiro centro espírita que frequentou situava-se à rua Laranjeiras e agregava nomes como: Antônio Eugênio, Amélia Alves, Filenila Nascimento, D. Quitéria, Dona Adília e “Pepeta”, baiana ligada a D. Adília. Todavia, a instituição à qual ficou ligada por mais tempo foi a União Espírita Sergipana, na qual exerceu papéis administrativos e religiosos propriamente ditos. Destacamos os seguintes: foi doutrinadora nas reuniões mediúnicas, isto é, responsável por levar a palavra de consolo e esclarecimento, retirada do Cânon espírita, aos “espíritos” necessitados, atividade para a qual adotava o seguinte princípio: “as leis espirituais e os princípios divinos revelados através dos fenômenos psíquicos são mais importantes que os próprios fenômenos.”; destacou-se como a primeira mulher presidente da Federação Espírita Sergipana; no campo doutrinário, empreendeu longo estudo das obras de Allan Kardec e exerceu a oratória espírita (como atesta o curso que frequentou para oradores espíritas em Recife, 1963); conviveu com os grandes nomes do espiritismo sergipano: Lindolfo Campos, Amélia Alves, Basílio Peralva,





Eufego Nazário Gomes, Lívio Pereira, João e Lourdes Rezende, Chico Leite, Élsio Fontes, José Smith, Maria Iolanda Mendonça, José Mesquita Neto, Neide Mesquita, além de, entre nós: Divaldo Pereira Franco (médium baiano), Maurilurdes Ramos, Mário Policiano Novaes, Carmen Novaes, Maria Augusta Melo, Esmeralda Menezes, Edilma Menezes Lima, entre outros; foi evangelizadora infantil, ou seja, aquela que respondia pelas aulas de ensinamento de moral espírita adaptada para as crianças, chegando a confeccionar material didático específico para essa atividade; outra empreitada à qual se ligou com afinco foi a filantropia, ou, no justo vocabulário espírita, a caridade, o que a levou a atuar no Asilo Rio Branco (do qual foi Presidente quando este funcionava ainda no centro da cidade de Aracaju), na Colônia de Hansenianos e a fundar o orfanato Nosso Lar (junto com o Sr. Sílvio Santos). Como se não bastasse, coordenou os trabalhos de assistência aos presidiários, além de diversas outras ocupações junto a crianças carentes e a toda uma sorte de desafortunados que reclamavam sua atenção. No entanto, esse princípio de solidariedade não se atinha apenas ao campo institucional, a expressão caritativa estava impregnada em seu cotidiano: tinha D. Laura um sobrinho médico (já referido acima), especializado em doenças pulmonares. Naquela época (por volta dos anos 50), a medicina ainda não dispunha das técnicas que encontramos hoje no tratamento pneumológico. Após culminar em falecimento uma longa e difícil temporada de tratamento contra a tuberculose em um dos seus pacientes, Dr. Ataliba recomendou a queima da casa (de estrutura precária e foco de possível contágio) e de todos os pertences, mobília, roupas, etc. do doente falecido, ficando sua família sem ter como recomeçar a vida. Sabendo do ocorrido, D. Laura, juntamente com algumas amigas, saem à cata de doações que pudessem socorrer aquela família. No entanto, os fundos arrecadados entre conhecidos, comerciantes e pessoas sensíveis à causa não foram suficientes para que se pudesse comprar outra casa e novos materiais para repor aqueles destruídos. No dia seguinte à investida de arrecadação entre amigos e negociantes, saiu ela sozinha, avisando aos familiares que iria resolver alguns negócios. Quando se aproximava o cair da tarde, sua filha adotiva recepcionou, à entrada da casa, dois homens que diziam vir resgatar um piano. Estranhando a demanda, ela recusou entregar o que quer que fosse aos citados. Poucos minutos depois, chega D. Laura e autoriza a retirada do piano pelos dois funcionários de uma loja de instrumentos musicais. Assim, Maria viu sair pela porta principal o belo piano alemão, no qual D. Laura costumava distrair-se tocando para si e para os familiares – uma de suas poucas diversões. O dinheiro amealhado com a venda do nobre instrumento completou o que faltava para a aquisição da nova casa para a família que estava em abandono.

Bem-sucedida em sua profissão, Dra. Laura Amazonas doou, em vida, terrenos, bens e usufruto testamentário a diversas instituições espíritas

(Grupo Espírita Irmão Fêgo, Centro Espírita Amor e Caridade, União Espírita Sergipana, etc). Participou ativamente da fundação do Lar Meimei e do Nosso Lar, instituições de amparo ao menor desprovido, responsáveis por recolhê-los, mantê-los e orientá-los. Viveu uma vida sóbria e regrada. Sabia direcionar os bens materiais para fins específicos e bem distantes da multiplicação usurária.

Eis alguns pensamentos – quase aforismos, recolhidos de suas anotações, talvez, melhor que todas as descrições até agora feitas – que exprimem essa personalidade singular: “Meia palavra de um amigo diz mais do que muitas frases, porque estamos habituados a pensar com ele. Comprendemos todos os sentimentos que o animam e ele sabe disso. São duas inteligências que se somam e se completam”; “Só deveria haver um tipo de cristão: o cristão integral, sem tergiversações, sem compromissos com o mundo”; “A fé é o maior heroísmo da alma”; “Só cultivarei amizades que me tragam o benefício moral de seu exemplo, isto espero em Deus”; “Senhor, dai-nos luz para esclarecer o nosso caminho, forças para resistir ao mal, assistência dos bons espíritos para nos dar bons conselhos, e assim chegaremos a Vós”.

Conforme o declarante, Walter Santos (pai do autor deste artigo), Laura Amazonas faleceu, aos 84 anos, em sua casa à rua Itabaiana 164, no dia 27 de novembro de 1968, às 3:30h, de problemas respiratórios.

Escrever essas poucas páginas sobre Laura Amazonas foi um exercício pessoal de elaboração do passado, quer dizer, de esclarecimento, uma inflexão em direção ao sujeito, reforçando a sua autoconsciência e, por esta via, também o seu eu.²¹ O exercício da elaboração do passado, tal como manifestava-se *Mnemosyne* aos gregos, revela-se como antídoto, mais especificamente, um contraveneno dirigido à terrível imagem de uma humanidade sem memória. A sociedade contemporânea encontra-se subordinada de um modo universal à lei da troca, do igual por igual de cálculos que, por darem certo, não deixam resto algum. Conforme sua própria essência, a troca é atemporal. A memória, o tempo e a lembrança, como nos diz Adorno, são liquidados pela própria sociedade burguesa, como se fossem uma espécie de resto irracional. “Quando a humanidade se aliena da memória esgotando-se sem fôlego na adaptação ao existente, nisto reflete-se uma lei objetiva de desenvolvimento.”²² A memória é esse cabedal infinito, do qual, aqui, só registrei um fragmento, mas nele o passado conserva-se, atua no presente como lembranças independentes de quaisquer hábitos, lembranças isoladas, singulares, que constituem autênticas ressureições do passado – sempre passível de elaboração.

21 Cf. ADORNO, T. O que significa elaborar o passado. In: *Educação e Emancipação*. Trad. De Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p.48.

22 Id. *Ibid.*

